

DESIGN SOCIAL NO P&D DESIGN: uma revisão histórica e narrativa das edições de 1994 a 2008

SOCIAL DESIGN IN P&D DESIGN: a historical and narrative review of the editions from 1994 to 2008

Vívian Wandelbruck dos Santos; Bacharel em Design (Universidade Feevale)
vivianst.design@gmail.com

Gustavo Cossio; Doutor em Design (UERJ)
dsgcossio@gmail.com

Resumo

Este artigo constitui um mapeamento acerca do tema do design social nas edições iniciais do Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design – P&D Design. O preâmbulo para a reflexão consiste no resgate do painel intitulado ‘A Função Social do Design’, que ocorreu no IV Encontro Nacional de Desenhistas Industriais – IV ENDI 85. Em termos metodológicos, a revisão narrativa de literatura parametriza o estudo de uma amostragem de vinte comunicações registradas nos anais do P&D Design entre 1994 e 2008. Desse modo, o exame histórico amplia o repertório teórico-prático em torno da abordagem do design social.

Palavras-chave: história do design social; pesquisa em design; função social do design.

Abstract

This paper is a mapping on the theme of social design in the first editions of the Brazilian Congress of Research and Development in Design – P&D Design. The preamble to the reflection is the recapture of the panel entitled ‘The Social Function of Design’, which took place at the IV National Meeting of Industrial Designers – IV ENDI 85. In methodological terms, a narrative literature review parameterizes the study of a sampling of twenty papers registered in the P&D Design proceedings between 1994 and 2008. Hence, this historical examination broadens the theoretical-practical repertoire around the social design approach.

Keywords: history of social design; design research; social function of design.

1. A função social do design, um preâmbulo

O 4º Encontro Nacional de Desenhistas Industriais – IV ENDI ocorreu na cidade de Belo Horizonte-MG, em 1985. Na realização em parceria com o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq e a Associação Profissional de Desenhistas Industriais de Minas Gerais – APDI/MG, o evento pretendeu articular discussões que contribuíssem para a ampliação e o aprofundamento das áreas de atuação profissional, assim como difundir o design no país (Anais do IV ENDI 85, 1985). Naquela edição, o encontro organizou um painel intitulado ‘A Função Social do Design’¹, e as ideias descritas a seguir foram registradas nos anais do evento, em síntese :

A partir do questionamento “É possível o desenhista industrial renegar o capital?”, Maurício Galinkin salientou que aquele painel realizado no IV ENDI 85 tinha como ponto de partida a integração de designers em projetos de caráter social. Assim, o debatedor buscou refletir sobre a possibilidade do profissional focar a atuação no ser humano, em detrimento da ênfase na geração de capital. Além disso, Galinkin argumentou que o desenvolvimento de ‘projetos especiais’, com a participação relevante de desenhistas industriais, necessitam de investimento efetivo, organização da população beneficiada e preservação da cultura, para assim ensejar avanços e autossuficiência. Por seu turno, Eustáquio Lobato reforçou que a função do design estaria orientada para a produção industrial, a exemplo da maioria das profissões. Na menção à própria vivência em um projeto social, Lobato assinalou a dificuldade de comunicação em contextos diversos, que não são organizados pela lógica do capital e, portanto, com estruturas diferenciadas de significação, tal como a população rural.

Em seguida, Rosinha Borges Dias reforçou a importância de se manter o compromisso e a crítica quando se leva em conta a função social das profissões. Ao pesquisar a realidade de vida das pessoas é preciso ter contato direto, ou seja, uma relação equânime para conhecer e interpretar os pontos de vista com sensibilidade, de modo a propor e desencadear conjuntamente novas estratégias para resolução dos problemas. Ainda conforme Dias, uma equipe interdisciplinar torna-se imprescindível para esses projetos e, além de visões profissionais, todos os envolvidos precisam ter visões sociais para o relacionamento com a comunidade.

Por sua vez, Ricardo Mendes Mineiro descreveu a própria experiência profissional, na qual passou de desenhista focado em demandas industriais para projetista interessado em demandas sociais. O debatedor intermediou a abertura de uma associação de trabalhadores em uma pequena cidade do interior, que funcionava com a colaboração de toda a comunidade e a divisão justa de tarefas e rendimentos. Na sequência do painel, ao mencionar a vasta experiência em projetos orientados às necessidades comunitárias, o participante Hélio Grossman indagou: “a denominação desses projetos como ‘função social’ seria uma maneira de restringir a função social do designer?”. Entre os questionamentos, Hélio pontuou que os papéis sociais como cidadão e como designer se inter-relacionam, e poderiam ser exercidos de vários modos, em diversos segmentos, tais como: na adequada preparação e no desenvolvimento de aptidões; no uso de tecnologias eficientes; no olhar e na atenção ao próximo; no debate e na ampliação da atuação profissional. Outrossim, Grossman destacou que a função social não deve constituir um fator

¹ O painel teve a moderação de Valéria Munk London, da Associação Latino-Americana de Desenho Industrial – ALADI, e a participação de cinco debatedores: Maurício Galinkin, do Centro Nacional de Recursos Humanos do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – IPEA; Eustáquio Lobato, da Secretaria de Ciência e Tecnologia de Minas Gerais – SECT/MG; Rosinha Borges Dias, do Departamento de Serviço Social da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PUC Minas; Ricardo Mendes Mineiro, do Centro Tecnológico de Minas Gerais – CETEC/MG; e Hélio Grossman, da Fundação Oswaldo Cruz da Secretaria de Desenvolvimento Social do Rio de Janeiro (Anais do IV ENDI 85, 1985).

limitante e que é possível criar novas funções sociais.

Em linha de continuidade, Galinkin ressaltou a importância do respeito à estrutura social da comunidade, do relacionamento horizontal e da disposição ao aprendizado por parte do projetista, enquanto aspectos decisivos para o sucesso do projeto. A partir dos conhecimentos acerca de ciência, materiais e cultura, o papel social do designer seria a contribuição para o aumento da produtividade do trabalho humano e a geração de renda e, sob essa perspectiva, as ações poderiam ser realizadas tanto na indústria quanto em comunidades. Em paralelo ao contexto mercadológico, o debatedor acrescentou que designers deveriam atuar em âmbito social pela organização em sindicatos e associações profissionais, ao passo que as instituições de ensino seriam incentivadoras do pensamento crítico.

Por seu turno, Lobato pontuou aspectos limitadores acerca da efetividade de projetos sociais: a conjuntura política incidiria na distribuição desigual de renda e recursos, o que, com efeito, afetaria drasticamente os grupos periféricos. Além disso, o participante teceu críticas aos valores reduzidos das verbas destinadas a esse tipo de projeto, na alegação de que o estado e as instituições privadas ofereceriam recursos mínimos aos programas sociais, com o intuito de utilizá-los para autopromoção como benfeitores. Entretanto, Mineiro sublinhou que a organização popular seria capaz de promover a melhoria da qualidade de vida, no acesso à educação, na capacidade crítica e na reivindicação política.

A moderadora Valéria London também contribuiu com o debate ao enaltecer o trabalho colaborativo entre designers e a população, na junção do conhecimento técnico à experiência prática. Para tanto, profissionais adaptariam as habilidades conceituais, técnicas e projetuais frente à realidade da participação popular. Por fim, Mineiro argumentou que designers, ao projetarem com consciência das necessidades do público ao qual o produto se destina, e avaliarem a matéria-prima e o processo tecnológico utilizado, dessa maneira estariam inserindo o design social no mercado consumidor (Anais do IV ENDI 85, 1985).

A partir desse delineamento em torno da função social da profissão, o objetivo desta comunicação é apresentar a identificação, a análise e a síntese da pesquisa em design social e salientar aspectos teóricos e metodológicos que possam indicar fundamentos comuns na produção acadêmica. A necessidade em compreender os conceitos e os métodos empregados justifica esta proposta que, além de elucidar agentes e contextos, pode constituir um dispositivo de estímulo para novos projetos sociais. Em perspectiva histórica, o estudo oportuniza uma reflexão sobre a pesquisa e desenvolvimento em design social, com a consulta aos anais das edições iniciais do Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design – P&D Design, entre 1994 e 2008².

A opção pela revisão dos artigos publicados no P&D Design torna-se válida pelo destaque entre os eventos científicos mais relevantes e tradicionais da área, no país. A conferência tem caráter itinerante por diferentes regiões e universidades, com periodicidade bienal desde 1994. O congresso privilegia a discussão da pesquisa e da educação em design, e os tópicos elencados englobam variadas dimensões do campo, sejam estas de cunho teórico, histórico, metodológico, tecnológico, pedagógico ou social.

² Em linha de continuidade, uma revisão narrativa sobre design social foi empregada nas cinco edições do congresso realizadas entre 2010 e 2018, e também integra a tese de doutorado de um dos autores deste artigo (Cossio, 2019; Cossio, 2023).

2 Estudos de revisão, um caminho a seguir

Os artigos de revisão, segundo Figueiredo (1990), contém informação didática e bibliográfica, desempenham papel relevante na transferência de informação para pesquisadores e não especialistas, além de exercerem dupla função histórica e de atualização. De acordo com a autora, essas publicações identificam as contribuições mais importantes à literatura de determinado tema e constituem relatórios de estado da arte. Assim, conforme Santos *et al.* (2018), o método da revisão bibliográfica é de natureza descritiva e considera a formulação de uma pergunta de investigação; a (re)construção coerente e integrada do corpo teórico; e a identificação de lacunas, contradições ou convergências.

Entre as variações do método, a Revisão Narrativa de Literatura – RNL, diferentemente da modalidade sistemática, aborda uma ampla questão ou tema de investigação, dispensa critérios rigorosos e estabelece uma síntese qualitativa, na compreensão do estado da arte de determinado assunto sob um ponto de vista teórico ou contextual. Por conseguinte, a RNL identifica temáticas recorrentes, aponta novas perspectivas e contribui para a consolidação de uma área do conhecimento (Rother, 2007; Grant; Booth, 2009; Vosgerau; Romanowski, 2014).

O método para este estudo foi adaptado a partir de Khan *et al.* (2003), do seguinte modo: 0) estudo do referencial teórico sobre os métodos de revisão, coleta e exame deste tipo de artigo na pesquisa em design; 1) formulação da questão de pesquisa; 2) definição do banco de dados e dos critérios de busca; 3) leitura dos textos selecionados na íntegra; 4) escrita de um resumo de cem a duzentas palavras para cada artigo e agrupamento em subtemas; 5) apreciação crítica dos resultados³.

Inicialmente, foi formulada a pergunta norteadora: “Qual discussão se estabelece a partir do exame histórico da produção acadêmica sobre design social no Brasil?”. Em seguida, foram acessados os anais das seguintes edições do congresso: 1º P&D Design 94, realizado em São Paulo-SP (UNIP, total de 55 publicações); 2º P&D Design 96, em Belo Horizonte-MG (UEMG, 55 publicações); 3º P&D Design 98, no Rio de Janeiro-RJ (PUC-Rio, 121 publicações); 4º P&D Design 2000, em Novo Hamburgo-RS (Feevale, 139 publicações); 5º P&D Design 2002, em Brasília-DF (UNB, 298 publicações); 6º P&D Design 2004, em São Paulo-SP (FAAP, 456 publicações); 7º P&D Design 2006, em Curitiba-PR (Centro Universitário Positivo, 596 publicações); e 8º P&D Design 2008, em São Paulo-SP (Centro Universitário SENAC, 548 publicações) (Freitas, 2010; Silva *et al.*, 2012).

Como critério de busca, primeiramente, foi estabelecido que o termo ‘design social’ constasse no título ou nas palavras-chave das comunicações. Por meio desse critério, foram selecionadas dez publicações: oito com o termo ‘design social’ no título e nas palavras-chave e duas com o termo apenas nas palavras-chave. De modo a compreender um número maior de evidências, sobretudo nos primórdios do congresso ainda de proporções reduzidas, optou-se por adicionar outras dez publicações em tópicos no caráter guarda-chuva da abordagem do design social, ainda que sem menção explícita ao termo. A seguir, a listagem e a figura 1 descrevem a amostra composta de vinte comunicações:

- 1º P&D Design 94 – uma comunicação (1 – tópico relacionado);
- 2º P&D Design 96 – duas comunicações (1 – termo no título e nas palavras-chave e 1 – tópico

³ A etapa zero foi estipulada para a compreensão da metodologia. Já a fase de ‘avaliação da qualidade’ foi desconsiderada por não constituir o objetivo da pesquisa.

relacionado);

- 3º P&D Design 98 – duas comunicações (1 – termo apenas nas palavras-chave e 1 – tópico relacionado);
- 4º P&D Design 2000 – quatro comunicações (4 – tópicos relacionados);
- 5º P&D Design 2002 – uma comunicação (1 – termo no título e nas palavras-chave);
- 6º P&D Design 2004 – seis comunicações (2 – termo no título e nas palavras-chave, 1 – termo apenas nas palavras-chave e 3 – tópicos relacionados);
- 7º P&D Design – duas comunicações (1 – termo no título e nas palavras-chave);
- 8º P&D Design 2008 – duas comunicações (1 – termo no título e nas palavras-chave e 1 – temas correlacionados).

Figura 1 – A base de dados e a composição da amostra.



Fonte: elaborado pelos autores (2024).

A tabela 1 sistematiza as instituições de origem dos artigos e as palavras-chave que integram o portfólio de referências sob análise, além do número de ocorrências observadas:

Tabela 1 – Instituições de ensino superior e palavras-chave com o total de ocorrências.

IES	Palavras-chave
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (4)	design social (9);
Universidade Federal do Rio de Janeiro (2)	design (3);
Universidade do Estado do Rio de Janeiro (1)	ensino;
Pontifícia Universidade Católica do Paraná (1)	ensino de design (2);
Universidade Federal do Paraná (1)	ensino do design;
Universidade Federal de Santa Catarina (3)	meio de aprendizagem;
Aston Business School, Birmingham UK (1)	desenho coletivo;
Universidade Norte do Paraná (1)	extensão;
Universidade Tecnológica Federal do Paraná (2)	metodologia;
	desenho industrial e desenvolvimento;
	design para necessidades;
	design não profissional;
	Nordeste do Brasil (2);
	ecodesign (2);
	sustentabilidade (2);
	design sustentável;
	design ecológico;

<p>Universidade Federal da Bahia (1) Universidade de São Paulo (1) Universidade Federal de Campina Grande (2) Universidade Estadual de Londrina (1) UNIBRASIL Centro Universitário (1) Universidade Federal de Pernambuco (1) Universidade de Ribeirão Preto (1) Universidade do Estado de Minas Gerais (1)</p>	<p>transdisciplinaridade; sistema expositor; aquecedor solar; artesanato; ensino/pesquisa; design e ensino/pesquisa; pedagogia do design; teoria do design; gestão de design (2); funcionalidade; inovação técnica; ativismo e design; análise da atividade; trabalho infantil;</p>	<p>design em países periféricos; pragmatismo econômico; projeto para o lucro; competitividade; bambu; marcenarias; agricultura de subsistência; geração de renda; Ribeirão da Ilha; responsabilidade social universitária; cidadão;</p>
---	---	---

Fonte: elaborado pelos autores (2024).

3 Mapa do design social no P&D Design, oito edições em quatro subtemas

Segundo Messina (1998), o estado da arte é um mapa que nos permite continuar caminhando e, também, uma possibilidade de perceber discursos que em um primeiro exame se apresentam como descontínuos ou contraditórios. Portanto, o estado da arte contribui com a teoria e a prática de uma área do conhecimento. Sobre a escrita do relatório, Santos et al. (2018) ensinam que na estratégia do agrupamento temático são apresentadas as principais características de subtemas diversos associados ao problema de pesquisa, sendo que os pontos em comum, divergências ou lacunas da bibliografia revisada são analisados na seção subsequente de discussão dos resultados.

3.1 Fundamentos pedagógicos do design social

Em perspectiva histórica, Fontoura e Pereira (2000) abordam as linhas teórico-conceituais do ensino ativo, caracterizando a pedagogia da Bauhaus sob a ótica do ativismo e da influência no ensino do design contemporâneo. Em linhas gerais, a corrente da 'pedagogia da ação' preconiza o princípio de que a tarefa do aprendizado deve partir do educando e, portanto, rejeita a ideia de que o ensino ocorre por meio de uma suposta transmissão de conhecimentos. Nessa perspectiva, o aprendizado é uma conquista pessoal e o conhecimento influencia ou transforma o comportamento do indivíduo. No programa de ensino da Bauhaus, vale salientar dois objetivos gerais: a síntese estética e a síntese social. O primeiro objetivo refere-se à integração dos gêneros artísticos e do artesanato sob a supremacia da arquitetura. O segundo refere-se à orientação da produção estética correspondente às camadas mais amplas da população, em detrimento do foco nas classes abastadas. Ao adotarem os métodos ativos e técnicas de ensino que visavam a sensibilidade, na compreensão do trabalho manual como meio para a formação integral, os professores da Bauhaus acreditavam na valorização da educação pelo trabalho e, além disso, na educação como meio para a reforma social.

Em um comparativo entre o Desenho Industrial moderno e o design contemporâneo, Batista (2004) afirma que, segundo registros, os projetos de produto até o final do século XX eram orientados às necessidades sociais. Já no design atual, as concepções residem mais nos interesses econômicos. Ao realizar uma contextualização histórica sobre as tentativas de abordagens sociais

no Desenho Industrial, o pesquisador menciona: as contribuições de Victor Papanek em 1971⁴, pioneiro ao criticar o elitismo no Desenho Industrial; o X Congresso do ICSID de 1975⁵, em Moscou e o simpósio *Design for Need*⁶, realizado em 1976 no *Royal College of Art* em Londres. Já na década de 80 observa-se uma iniciativa da *Royal College of Art*, que na conferência de 1982⁷ estabeleceu o Desenho Industrial como meio para minimizar problemas sociais. Porém, na mesma década o enfoque projetual passa a ser mercadológico, focado na lucratividade da indústria e na alienação dos consumidores. Conduta que, continuamente, se estende até os dias atuais. Com isso, o autor defende que o profissional do Desenho Industrial deve se munir de consciência ética e discernimento crítico e que a atividade projetual precisa, majoritariamente, voltar-se à funcionalidade e ao caráter social implícitos nos produtos.

Na concepção de ‘educação’ como um processo dialógico que articula teoria e prática, crítica e ação, reflexão e fazer, e do entendimento de ‘pedagogia’ como a ciência que estuda métodos para o ensino-aprendizagem, Freitas (2000) é taxativo ao deficitário ensino de design no país e, portanto, reflete sobre três modelos recorrentes nos currículos das universidades brasileiras. A ideia de ‘projeto como espinha dorsal’, com disciplinas denominadas ‘Desenvolvimento de Projeto’, teria como referência as históricas escolas alemãs Bauhaus e Ulm, e implicaria em uma canonização de docentes e métodos, assim como no distanciamento das demais disciplinas do curso, em razão da ênfase prática. Já o modelo de ensino do ‘design social’ estaria em contraposição à tônica mercadológica e à simulação de contextos e necessidades, ao passo que oportuniza situações de projeto em que estudantes interajam com grupos sociais e, assim, privilegia a subjetividade em detrimento de técnicas objetivas. Já o ensino baseado no ‘projeto integrado’ seria processual e interdisciplinar, em contraponto ao modelo de ‘espinha dorsal’. Assim, Freitas (2000) ressalta a incipiência da pesquisa em prol da ‘pedagogia do design’ que, alinhada às especificidades do campo, fortaleceria a graduação na área, a educação em sentido amplo e acordaria à realidade social.

3.2 A tríade ensino – pesquisa – extensão em design social

A comunicação de Nogueira e Couto (1994) trata de oficinas realizadas com estudantes na Universidade Federal de Goiás – UFG, no 4º Encontro Nacional de Estudantes em Design – NDesign e na PUC-Rio, que objetivou a elaboração de peças gráficas baseando-se em temáticas sociais. Ao sublinhar que a realidade brasileira repercute no cotidiano dos mais diversos grupos, independentemente de questões de faixa etária, econômicas ou geográficas, as articulistas mencionam a inclinação antropológica do trabalho realizado por designers, uma vez que a função

⁴ O livro *Design for the Real World*, publicado por Victor Papanek em 1971, analisava o distanciamento da atividade profissional em relação às culturas populares e às demandas sociais emergentes. Papanek tornou-se referência para projetos alternativos e em movimentos de preservação ambiental (Batista, 2004).

⁵ Seguindo a temática ‘Design para o Homem e a Sociedade’, no X Congresso do ICSID de 1975, em Moscou, os articulistas discutiram acerca de questões ambientais e sobre a qualidade de vida, assim como, o papel social do Desenho Industrial (Batista, 2004).

⁶ Com o mote ‘Não estamos nisso por dinheiro - estamos nisso pela vida’ (*We’re not in this for the money – We’re in it for life*), o evento propunha o compromisso com a vocação social do design, em temas como: recursos naturais, meio ambiente, assistência e desenvolvimento social (Batista, 2004).

⁷ Organizada conjuntamente com o *Royal College of Art*, a *Design Research Society* e o *Design Council*, a conferência teve como tema a relação do Desenho Industrial com a sociedade. Os projetos e os estudos de casos apresentados remetiam à realidade de países periféricos (Batista, 2004).

de mediadores entre artefatos projetados, pessoas e contextos indica o compromisso social da profissão. Em referência à campanha nacional liderada por Betinho⁸, as oficinas constituíram um exercício de projeto que promoveu a capacidade de expressão e a reflexão sobre as questões sociais enfocadas. A dinâmica partiu das apresentações pessoais e da pactuação de interesses e intenções, em vista de estabelecer empatia entre integrantes. Na sequência, as sessões de brainstorming e as discussões foram embasadas por publicações, palavras-chave e geração de ideias em papel cartão. Assim, as autoras salientaram a contribuição das atividades para o ensino de design com preocupações sociais, visto que, a experimentação resultou em peças gráficas de qualidade técnica e conceitual, com a realização de exposições em espaços diversos.

A pesquisa de Pacheco (1996), que constitui a primeira dissertação de mestrado aprovada em um curso de pós-graduação *stricto sensu* em design no Brasil, abordou uma experiência de sala de aula alternativa no campus da PUC-Rio. Denominada 'A Barraca', a atividade foi compreendida como um abrigo/objeto/meio de ensino-aprendizagem de design social. A estrutura foi idealizada pela professora Ana Branco, construída em ambiente natural entre duas jaqueiras, em 1988, e teve diferentes versões nas décadas seguintes. Ao favorecer a intuição e o afeto entre os alunos e colaboradores externos, o espaço era fortemente marcado pela experimentação, estratégia pedagógica que buscava alinhamento com a concepção de design social praticada na instituição, oficialmente, desde 1982⁹. Enquanto marca reconhecida do curso, o design social, segundo Pacheco (1996), configura uma abordagem metodológica no ensino de projeto, que oportuniza a pesquisa direta em contextos reais. Ao enfatizar o 'processo de fazer'¹⁰, a imersão e a colaboração permitem aos estudantes descobrir os valores culturais do entorno, além de estímulo à criatividade e ao senso crítico. Nesse viés, estabelece diferenças entre o ensino convencional e os 'meios de aprendizagem', que não constituem momentos sucessivos de evolução e ocorrem de acordo com características específicas de projeto e demandas sociais.

Faria e Marinho (2004) avaliam aspectos qualitativos relacionados ao ensino do design e sua influência social nas abordagens direcionadas ao design social e ao design sustentável. Ao atestarem a iminente finitude dos recursos naturais nos biomas terrestres, os autores tecem críticas às frequentes ações de preservação tardias e ineficientes, ao passo da crescente velocidade da exploração ambiental. Dessa forma, a publicação pontua que o educador de design deve atuar como agente de comunicação e articulação, orientando e estimulando o consumo consciente e reunindo propostas ecológicas e socialmente eficientes advindas de diferentes grupos sociais. Além disso, os pesquisadores destacam que, embora atos envolvendo paralelamente preceitos do design social e do design sustentável tenham demonstrado grande contribuição em projetos socioambientais, os conceitos ainda eram pouco difundidos no âmbito acadêmico. Com isso, reforçam que as instituições de ensino devem preparar os discentes para atuarem em projetos focados na realidade atual e de modo econômico, ecológico e socialmente responsável contemplando, também, classes menos favorecidas. Nesse sentido, a imagem do profissional do design deve se desvincular da percepção de que, corriqueiramente, sua atuação tem como resultado algo elitizado, com alto impacto ambiental e é direcionado à um número

⁸ Herbert de Souza, o Betinho (1935-1997), era sociólogo e ativista dos direitos humanos, que se tornou reconhecido pelo projeto Ação da Cidadania contra a Fome, a Miséria e pela Vida (Nogueira; Couto, 1994).

⁹ Não obstante, Montuori (2017) afirma que a pedagogia de orientação humanista e social remonta ao estabelecimento dos cursos de graduação em Desenho Industrial e Comunicação Visual da PUC-Rio, em 1972.

¹⁰ De modo a conceituar a ideia de design social em âmbito pedagógico, a tríade 'processo do fazer – temática nativa – resultados práticos para os alunos' foi elaborada pela antropóloga Lélia Gonzalez, professora do Departamento de Artes, entre outros docentes, em colaboração com o designer e professor José Luis Mendes Ripper, então diretor do departamento, no início da década de 1980 (Montuori, 2017).

privilegiadamente reduzido de pessoas.

Com o relato do projeto de extensão universitária realizado em parceria com a comunidade de Nazaré – Cabo de Santo Agostinho em Pernambuco, Castro *et al.* (2006) buscam refletir sobre a responsabilidade social-acadêmica na formação do designer. Diante do desenvolvimento econômico descoordenado às questões humanas e sociais, os pesquisadores atentam para o papel do designer, que aplicando os conhecimentos do design social, deve materializar ideias que concedam mudanças sociais, sobretudo no desenvolvimento local sustentável. Para tanto, é essencial que o design social seja abordado no contexto acadêmico, assim como áreas correlatas. Dessa forma, na disciplina Teoria e Prática: Crítica do Design, os acadêmicos do curso de Design da UFPE, tiveram acesso à conceitos e metodologias para participarem de ações em grupos comunitários com potencialidade para produção artesanal. O projeto realizado na comunidade de Nazaré, que tinha como intuito melhorar a renda familiar de um grupo de produtores de doces e licores da região, viabilizou a criação e a produção de uma linha de embalagens em argila, para acondicionamento adequado dos produtos. Assim como, uma identidade visual, que permitiu uma divulgação eficiente, ressaltando valores mercadológicos e culturais. O projeto foi premiado e implementado com o apoio de um conjunto transdisciplinar¹¹ de alunos.

Moraes, Mello e Silva (2008) atentam para a necessidade e os benefícios da incorporação de conceitos sobre Responsabilidade Social Universitária, percebidas nas ações efetuadas na Escola de Design da Universidade do Estado de Minas Gerais. Considerando a sustentabilidade e a responsabilidade social em diferentes contextos, os pesquisadores endossam a importância de exaltar valores éticos, sustentáveis e de manutenção a vida. No cenário acadêmico, deve-se promover a formação de profissionais/cidadãos comprometidos com questões sócio-econômico-ambientais. Nesse sentido, evidenciam-se dois projetos na UEMG: Havalor (2005-2006)¹² e APL (2006-2007)¹³. Os autores, ainda, mencionam o Núcleo de Responsabilidade Social e Design implantado na instituição — que utiliza o design na promoção do desenvolvimento sustentável e diminuição das desigualdades sociais, através de ações extensionistas e projetos sociais. Além disso, registram o trabalho de designers como a Heloísa Crocco, que buscou fortalecer a identidade cultural, promover qualidade e valorização de mercado em produtos artesanais de diferentes regiões do país. Com isso, afirmam que a interação entre designers e a comunidade é duplamente produtiva, já que os acadêmicos adquirem experiência de consultoria em design, tem contato com diferentes realidades e trocam conhecimentos. Já a comunidade consegue ter em vista novas oportunidades, gerar renda e resgatar valores pessoais e culturais.

Em uma abordagem crítica, Teles (1996) problematiza o tripé acadêmico de ensino – pesquisa – extensão frente às necessidades sociais, com base no aporte teórico dos designers Gustavo Bomfim, Gui Bonsiepe e Victor Papanek, e do sociólogo Michel Thiollent. Ao resgatar a institucionalização da educação em design no Brasil, ocorrida conforme referenciais estrangeiros, Teles (1996) critica as desconexões entre a formação para o domínio de tecnologias de ponta e as disparidades socioeconômicas do país. Em vista da responsabilidade social acadêmica, o articulista

¹¹ Segundo Castro *et al.* (2006), transdisciplinaridade é uma nova visão de estudo que articula conhecimentos, sem procurar o domínio de todos, mas abre discussões acerca daquilo que os atravessa e os ultrapassa.

¹² O projeto Havalor tinha como objetivo levar o conhecimento de design acerca da fabricação de móveis adquirido na instituição até marcenarias e microempresas do Vale do Jequitinhonha – MG (Moraes; Mello; Silva, 2008).

¹³ O projeto APL desenvolveu-se em torno do uso de pedra sabão para produção de painéis nas comunidades do Cafundão e Cachoeiro do Brumado em Mariana – MG. O objetivo foi melhorar a qualidade, elaborar novos modelos e criar embalagens que propiciassem a exportação das peças, como também, resgatar valores históricos e culturais da comunidade participante MG (Moraes; Mello; Silva, 2008).

privilegia a extensão universitária para o diálogo entre os acadêmicos e a comunidade, e sublinha a função das tecnologias alternativas nos grandes centros urbanos. Nesse viés, o conceito de ‘tecnologia intermediária’ trata da produção em pequena escala, criação de empregos e respeito aos modos tradicionais de consumo. Já a noção de ‘tecnologia apropriada’ enfatiza a escolha de técnicas de acordo com determinado contexto e os recursos disponíveis localmente. Já a ‘tecnologia endógena’ salienta a participação dos atores sociais como aspecto-chave do desenvolvimento local, o que converge com o propósito da atividade extensionista. Em suma, Teles (1996) advoga pela revisão das políticas de extensão universitária e, além disso, menciona a relevância metodológica da pesquisa-ação e da pesquisa participante na graduação em design.

A partir da lacuna concernente à inserção do design no nível pré-universitário no Brasil, o relato de Couto, Costa e Pereira (1998) trata sobre vivências pedagógicas no ensino fundamental e no ensino médio. No enfoque metodológico do design em parceria¹⁴, um exercício de projeto foi conduzido junto a uma turma da terceira série na faixa etária dos 9 a 11 anos, na Escola Municipal Luiz Delfino, no Rio de Janeiro-RJ. Após uma introdução à noção de design em torno de objetos do cotidiano, as crianças foram divididas em grupos para a identificação de parceiros e necessidades na própria instituição, desenvolvendo a observação, a autonomia e a responsabilidade entre os estudantes. As etapas seguintes consistiram no levantamento de informações e geração de alternativas conforme os contextos de projeto, tais como, a organização na hora do almoço, a divulgação da história da escola e a elaboração de material didático. As etapas de desenvolvimento foram intercaladas por apresentações orais e refinamento das propostas junto aos parceiros, o que culminou na seleção de materiais, construção e testagem de protótipos de baixa complexidade. Assim, o experimento pedagógico piloto de Couto, Costa e Pereira (1998) repercutiu nas iniciativas subsequentes, que incluíram turmas de ensino médio.

3.3 Design social e desenvolvimento local sustentável

O Design, como atividade projetual, utiliza o design social como ferramenta para contribuir para o desenvolvimento social e econômico. A gestão do design que contempla o design social é benéfica tanto para o design quanto para a sociedade. Com esses pressupostos, Merino, Dickie e Lins (2008) descrevem o projeto “Trilhas do Ribeirão”. Desenvolvido a partir da produção de elementos integrados de identificação, o projeto objetiva uma experiência turística personalizada na busca de informações históricas e culturais acerca do distrito de Ribeirão da Ilha – em Florianópolis, Santa Catarina. Após o recolhimento de informações da região e pesquisa de termos correspondentes, definiu-se o nome do projeto como “Trilhas do Ribeirão”, remetendo-se aos diversos caminhos que o turista pode percorrer para conhecer Ribeirão da Ilha. Em seguida, a identidade visual desenvolvida orientou-se nos elementos da cultura açoriana, fortemente preservados no local, sendo composta de: logotipo, elementos iconográficos, alfabeto e cores institucionais. A marca foi aplicada, sobretudo, em materiais promocionais. Conforme os autores, projetos como o “Trilhas do Ribeirão” podem contribuir desmistificando o design e apresentando suas potencialidades frente aos desafios no desenvolvimento social e cultural. Além disso, a gestão do design promove maior profissionalismo, seriedade e planejamento em projetos de cunho turístico cultural.

¹⁴ O termo ‘design em parceria’ tem sido empregado de maneira análoga ao design social na instituição de origem dos autores, a PUC-Rio (Araújo, 2017).

No trabalho de Casteião e Martins (2004) pondera-se acerca de como o design pode ser útil agregando valor e expandindo o potencial comercial das peças produzidas por micro e pequenas empresas do setor moveleiro. Munindo-se de dados quantitativos e qualitativos, os autores, relatam que a maioria das empresas reconhecem a importância do design como diferencial competitivo, porém, há por parte dos empresários, o desconhecimento da função estratégica do design e seus benefícios práticos às empresas. Benefícios esses, tais como: redução dos custos de produção, auxílio nas práticas de preservação ambiental, coerência e inovação na identidade da empresa e visibilidade no mercado internacional (Bahiana, 1998). Além desses, enfatiza-se o importante papel social desempenhado pelos produtos, que devem ser acessíveis e contemplar as necessidades funcionais e simbólicas de diferentes grupos sociais e de pessoas de baixo poder aquisitivo. Contudo, a gestão de design, embora pouco difundida no setor moveleiro, é um processo que pode ser utilizado para otimizar a qualidade, a inovação e a eficiência dos produtos e reduzir custos no processo produtivo das peças. Igualmente, pode melhorar o posicionamento das marcas frente às questões socioambientais. Assim como, oportunizar, através do design social, a responsabilidade coletiva nas mudanças comportamentais (Casteião; Martins, 2004).

Guimarães (2000) disserta sobre a interação entre designers treinados informalmente e designers formais na região do Nordeste brasileiro. Em países menos industrializados, o design tem importante papel social, podendo oferecer melhorias na qualidade das peças produzidas por microempreendedores locais para pessoas de baixa renda. Entretanto, majoritariamente, o design volta-se à inovação tecnológica, ao mercado internacional e a itens de luxo. Em contrapartida, recentemente, observa-se que o tema vem sendo discutido juntamente com o ecodesign e a sustentabilidade no desenvolvimento de produtos. Em estudo, o autor relata o caso dos trabalhadores informais no estado da Paraíba, que confeccionam produtos com técnicas baseadas em senso comum, tentativa e erro e experiência prática acumulada. Nesses cenários, os designers devem reconhecer o conhecimento dos não profissionais e compreender que o design não é de domínio exclusivo de profissionais formalizados. Com isso, as intervenções a serem realizadas nesses locais devem ser em concordância com a capacidade produtiva, as tecnologias disponíveis e o contexto sociocultural. Através de iniciativas interdisciplinares, incentivo governamental e o conhecimento do designer formal é possível cooperar com os microempreendedores desenvolvendo suas habilidades e ideias, trocando experiências e apresentando novos métodos que promovam melhorias na manufatura, inovação e qualidade nos produtos.

Silva e Casagrande Jr (2004) traçam caminhos para conciliar o papel do designer enquanto agente de transformação social baseando-se em princípios de desenvolvimento sustentáveis com os objetivos governamentais de desenvolvimento do país. Os autores assinalam os desafios para equilibrar a esfera econômica – que cresce desproporcionalmente no sistema capitalista – com as esferas social e ambiental que, em conjunto, deveriam promover a sustentabilidade. Com isso, fundamentados na lei de incentivo governamental PPA 2004-2007¹⁵, apresentam como alternativa projetos locais de pequeno porte que visam aliar a geração de renda e a inclusão social à preservação de recursos naturais, tendo o design como elemento chave no processo. Para

¹⁵ Através da lei PPA 2004-2007, o governo estabeleceu como estratégia de desenvolvimento de longo prazo: 1) a Inclusão Social e Redução das Desigualdades Sociais; 2) o crescimento com geração de emprego e renda, ambientalmente sustentável e redutor das desigualdades regionais e 3) a promoção e expansão da cidadania e fortalecimento da democracia (Silva; Casagrande Jr., 2004).

exemplificar, ressaltam projetos como *Amazon Paper*¹⁶, Artesanato Brasil com Design¹⁷, Projeto Design Tropical da Amazônia¹⁸ e Programa de Desenvolvimento do Ciclo do Bambu¹⁹. Nestes contextos, o design atua promovendo melhorias na qualidade do sistema produtivo, na busca de materiais regionais, na concepção da identidade e na criação dos produtos, bem como, na identificação de novos mercados. Por fim, salientam a importância do papel transformador do designer em difundir a sustentabilidade através do desenvolvimento de produtos de baixo impacto ambiental, assim como, ter participação individual e/ou coletiva em pesquisas e projetos socioambientais.

Por sua vez, Cavalcante *et. al* (2002) abordam o trabalho infantil em vias públicas, no propósito da compreensão em torno da precoce vida profissional da classe baixa. Nesse âmbito, os acadêmicos estudaram o contexto de crianças que trabalham como engraxates em Londrina-PR, em relação aos pressupostos do design social e de parâmetros da ergonomia. Os acadêmicos destacam a proibição do trabalho infantil, e são taxativos à atividade enfocada como insalubre, penosa e perigosa, especialmente por se tratar de crianças nas ruas. A pesquisa teve como resultado parcial a descrição e a análise da atividade, e buscou minimizar o sofrimento e os danos causados, em vista da elaboração de um programa de conscientização sobre o trabalho infantil em vias públicas.

O projeto social 'Arte de Ser' foi uma iniciativa do Laboratório de Tecnologia de Desenvolvimento Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro – LTDS/UFRJ, que visava geração de emprego e renda para pequenos artesãos dos estados do Rio de Janeiro e Minas Gerais. O projeto descrito por Silva, Senna e Denubila (1998) consistia no desenvolvimento de um sistema expositor para montagens itinerantes. Primeiramente, a fase de problematização identificou condicionantes em relação ao transporte, segurança e visualização dos produtos no espaço de venda. Por conseguinte, os parâmetros projetuais foram, em síntese: manter a referência cultural dos artesãos; destacar as peças; aproveitar a área disponível em vista da quantidade de mercadorias; facilitar a montagem e desmontagem de um sistema de baixo custo de fabricação; oferecer conforto e aumentar a segurança. Ao detalhar a proposta, os autores mencionam o emprego de materiais como madeira, couro e lona, em suportes que permitiriam a suspensão dos produtos expostos e, na busca por dinamismo visual, as prateleiras seriam inclinadas. Já os cavaletes seriam ligados por cabos para a exposição organizada de tapetes, tecidos, roupas e quadros e para a demarcação do espaço de venda que, visualmente, remetia à carroça, popularmente utilizada pelos trabalhadores para transporte e comercialização.

¹⁶ Produzido com fibras naturais nativas da Amazônia, o *Amazon Paper* é utilizado na fabricação de luminárias, agendas e kits de escritório. Em 2002, o projeto envolveu 30 famílias de agricultores na produção das fibras e 25 artesãos na produção do papel e dos produtos derivados (Silva; Casagrande Jr., 2004).

¹⁷ Surgiu da necessidade de se produzir brindes para a Caixa Econômica Federal focados na divulgação das ações sociais e de preservação cultural da instituição. Unindo o trabalho de designers e artesãos, a coleção conta com itens como: tábua de frios e talheres em madeira e pedra-sabão rosa (Tepequém-RR); peixe em cerâmica de Mestre Nuca (Tucunhaém-PE); caixas-brinde e tábua de queijos em madeira reaproveitada e osso bovino (Jardim-MS); e broche de ouro da Ourivesaria Mestre Juvenal (Natividade-TO) (Silva; Casagrande Jr., 2004).

¹⁸ Confeccionadas por artesãos do interior do Amazonas a partir de resíduos florestais, as peças do projeto preservam a estética amazônica e conectam a cultura indígena e cabocla regional com a cultura ocidental no Brasil e no exterior (Silva; Casagrande Jr., 2004).

¹⁹ Iniciativa da ONG Bamcrus que juntamente com o Sebrae cria cooperativas em várias regiões do país responsáveis pela criação produtos confeccionados com bambu. As bambuzerias geram emprego e lucro para famílias de baixa renda e têm como principal atividade a produção de cabides (Silva; Casagrande Jr., 2004).

3.4 Design social e tecnologias alternativas

Ao mencionar os primórdios do processo de industrialização, Casagrande Jr. *et al.* (2006) assinalam o quanto esse sistema se opunha à sustentabilidade e aos projetos de design voltados às necessidades sociais. Atualmente, apesar de diversos recursos ecoeficientes, ainda se priorizam os materiais de alto impacto ambiental, o que requer uma mudança de princípios para se reduzir o manejo de matérias-primas não renováveis. Como alternativa amplamente renovável, destaca-se o bambu — material abundante, versátil, extremamente resistente, com alto grau de absorção de carbono na fotossíntese, de rápido crescimento e propagação. Fazendo uso do bambu Mosso²⁰, o projeto intitulado: “O Bambu como Matéria-Prima Sustentável para a Geração de Renda e Inclusão Social no Município de Fazenda Rio Grande – Paraná”, procurou, com uma equipe interdisciplinar, capacitar as comunidades carentes do município para a produção e a comercialização de produtos desenvolvidos com bambu. Utilizando-se dos preceitos da tecnologia apropriada²¹ e do design social, os colaboradores propuseram noções de cooperativismo, empreendedorismo e design de produtos, que originaram a cooperativa “Bambuzeria Parque Verde”, responsável pela confecção de bandejas, molduras para plantas e troféus. Os autores frisam a importância da interdisciplinaridade na execução de projetos socioambientais, assim como, a adequada preparação dos designers para atuarem nesses segmentos.

Por sua vez, o artigo de Guimarães e Lima (2004) descreve o desenvolvimento de uma unidade móvel de bombeamento que foi projetada em consonância com a ideia de ‘tecnologia apropriada’, pelo Grupo de Desenho Industrial e Desenvolvimento Sustentável – GDDS da Universidade Federal de Campina Grande - UFCG, para uso na irrigação, entre outras atividades na agricultura de subsistência. O processo de design da bomba empregou o sistema mecânico da bicicleta e serviu de estímulo para a utilização dessa alternativa em diferentes produtos destinados a contextos de escassez, tais como uma máquina de lavar e um liquidificador industrial movidos a pedal. Apesar das vantagens do uso desse mecanismo, os autores apontaram que ainda há muito preconceito em torno de equipamentos desse tipo. Nas universidades, alguns professores são taxativos ao estágio ultrapassado da ideia de ‘tecnologia apropriada’. No entanto, essa tecnologia e o design de produto podem trazer uma série de benefícios para as comunidades locais, em vista do aperfeiçoamento da produção agrícola através do uso de irrigação em pequena escala, usualmente de alto custo e dependente de energia elétrica. Além disso, os articulistas assinalam as vantagens relacionadas à prevenção de doenças por meio da melhoria da qualidade da água.

Por seu turno, Soares (2000) apresenta os métodos, resultados e comentários a respeito de uma observação na Ilha do Mel, no Paraná, onde foram instalados 703 aquecedores solares de água em moradias de famílias de baixa renda. Ao tratar do processo de elaboração do produto, a acadêmica compara os objetivos, os requisitos e as restrições projetuais, em conformidade com três projetistas envolvidos no desenvolvimento. Nessa conjuntura, Soares (2000) enfatiza o trabalho nos termos do ‘eco-design’, ‘design para necessidade’ e ‘tecnologia apropriada’, uma vez que os aquecedores solares foram concebidos para instalação e utilização em pequenas residências com infra-estrutura limitada. Portanto, o artefato, usualmente destinado às classes

²⁰ Bambu japonês tipo Mosso (*Phyllostachys pubescens*) plantado nos anos 60 por famílias imigrantes na região da Colônia Parque Verde, no município de Fazenda Rio Grande, Região Metropolitana de Curitiba (Casagrande Jr. *et al.*, 2006).

²¹ Tecnologia apropriada é baseada nas habilidades, na cultura e nos recursos renováveis locais para o desenvolvimento de comunidades em países subdesenvolvidos (Schumacher, 1973).

médias e altas, pode ser adaptado para as classes populares, em vista de aspectos como conforto e economia.

Em outro estudo, Soares (2004) discute o termo *ecodesign*, que define como a forma de projetar produtos considerando parâmetros ambientais na fabricação, utilizando matérias-primas altamente renováveis e o reuso de resíduos. Com o foco na manufatura e no ciclo de vida dos produtos, o *ecodesign* não auxiliaria na inclusão social nem causaria mudanças expressivas no desenvolvimento sustentável de pequenas regiões. A autora reforça, que em países como o Brasil, os problemas ambientais são, sobretudo, problemas sociais e econômicos. Portanto, o *ecodesign* deveria, igualmente, estar comprometido na geração de emprego e renda, na produção em pequenas escalas, no rearranjo das organizações de trabalho e manufatura, como, no fortalecimento de mercados e economias regionais. Enfoque considerado no design ecológico, atividade que se concentra na colaboração para a criação de um modelo regional de sustentabilidade ambiental (Barbosa, 2003). Como exemplo desse modelo, Soares (2004) destaca: o artesanato de capim dourado no Jalapão; os artigos de couro vegetal dos seringueiros na Amazônia; o projeto Bambu no Nordeste²² e os móveis de PET no Rio de Janeiro. Em suma, a acadêmica enfatiza a importância da participação de designers nas propostas citadas, na promoção de melhorias na qualidade dos produtos e na produção sustentável das peças.

4 Futuros do social no design, algumas considerações

Embora a modalidade da revisão narrativa de literatura dispense a obrigatoriedade de explicitar o processo de busca de referências e os critérios estabelecidos, o presente estudo descreveu as etapas e os critérios adotados, no intuito de conferir credibilidade a esse tipo de revisão, que é relativamente pouco explorado na área do design. Após a revisão dos textos publicados nas primeiras edições do congresso P&D Design, vale destacar que a abordagem do design social está, usualmente, interligada a tópicos inerentes à sustentabilidade econômica, ambiental e social, com a tônica no exercício de cidadania, na participação de diversos agentes e no viés comunitário. Em que pese a aglutinação das evidências em subtemas, é possível observar que os múltiplos enfoques das comunicações estudadas, o que, por conseguinte, permite o enquadramento em mais de uma categoria temática. Nesse sentido, o desenvolvimento local sustentável, a preservação ambiental, o *ecodesign*, as tecnologias alternativas, a responsabilidade social, a educação, a acessibilidade e a inclusão social são fatores recorrentes na pesquisa e desenvolvimento em design social. Portanto, o design social constitui uma família de práticas com compromissos éticos, que oportuniza relações desejáveis com o meio ambiente e com as necessidades sociais e coletivas, em vista de futuros mais convincentes.

Em tempos de várias camadas de crise, de ordem econômica, social, climática, sanitária e civilizatória, a abordagem do design social se postula como pensamento e ação em prol da coletividade, em detrimento do individualismo e da frivolidade em torno de produtos elitizados, o que resulta na degradação ambiental. Ao invés de situar o design em um 'pedestal', como algo inacessível e *glamourizado*, é possível voltar o olhar para o primordial, no alcance de um maior número de pessoas, e na direção do oferecimento de melhorias da qualidade de vida no cotidiano. Logo, a democratização e popularização do design buscam a ampliação da diversidade de projetos e ações, ao passo que expandem a concepção sobre o potencial do design na sociedade.

²² Citado também por Silva e Casagrande Jr (2004).

Referências

- ANAIS DO IV ENCONTRO NACIONAL DE DESENHISTAS INDUSTRIAIS. Painel 1 - A Função Social do Design. 4., 1985, Belo Horizonte. **Anais do 4º ENDI 85**. Belo Horizonte: APDI/MG; CNPq, 1985.
- BAHIANA, C. **A importância do Design para sua empresa**. CNI, COMPI, SENAI/DR-RJ, Brasília, DF. CNI, 1998.
- BARBOSA, J. C. L. **Design ecológico e sustentabilidade**. 2003. 379 f. Tese (Doutorado em Engenharia de Produção) – Programa de Pós-graduação em Engenharia de Produção, COPPE/UFRJ, Rio de Janeiro, 2003.
- BATISTA, W. A nova objetividade do Desenho Industrial: das necessidades sociais às virtualidades do lucro. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE PESQUISA EM DESIGN, 6., 2004, São Paulo. **Anais do 6º P&D Design 2004**. São Paulo: FAAP; AEnD-BR, 2004.
- CASAGRANDE JR., E. F.; PERALTA AGUDELO, L. P.; WATANABE, H. L.; UMEZAWA, H. A. As potencialidades e os fatores limitantes no desenvolvimento de design social em torno do bambu na Região Metropolitana de Curitiba. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE PESQUISA EM DESIGN, 7., 2006, Curitiba. **Anais do 7º P&D Design 2006**. Curitiba: Centro Universitário Positivo; AEnD-BR, 2006.
- CASTEIÃO, A. L.; MARTINS, R. F. F. Aspectos sociais e econômicos da gestão de design como contribuição à competitividade de pequenas empresas do setor moveleiro. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE PESQUISA EM DESIGN, 6., 2004, São Paulo. **Anais do 6º P&D Design 2004**. São Paulo: FAAP; AEnD-BR, 2004.
- CAVALCANTE, A. L. B. L.; LONI, V. Z.; MOURA JR., W. R. D.; RACHADEL, R. R.; ROGÉRIO, L. R. S. Trabalho Infantil em Vias Públicas e a Contribuição do Design Social. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE PESQUISA EM DESIGN, 5., 2002, Brasília. **Anais do 5º P&D Design 2002**. Brasília: UNB; AEnD-BR, 2002.
- CASTRO, A. E. G.; SILVA, A. C. P.; MORAES JÚNIOR, F. A.; FALCÃO JÚNIOR, R. Design Social: uma ação e reflexão sobre a prática de ensino e a formação profissional. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE PESQUISA EM DESIGN, 7., 2006, Curitiba. **Anais do 7º P&D Design 2006**. Curitiba: Centro Universitário Positivo; AEnD-BR, 2006.
- COSSIO, G. Design social em debate: uma revisão narrativa das edições do P&D Design. *In*: SIMPÓSIO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESIGN DA ESDI, 5., 2019, Rio de Janeiro. **Anais do 5º SPGD 2019**. Recife: Even 3, 2019.
- COSSIO, G. **Histórias do design social no Brasil: das utopias às pedagogias da ação do design como bem comum**. 2023. 215 f. Tese (Doutorado em Design) - Escola Superior de Desenho Industrial, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023.
- COUTO, R. M. S.; COSTA, A. P. B.; PEREIRA, M. Experimento com o Ensino de Design no Primeiro Grau. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE PESQUISA EM DESIGN, 3., 1998, Rio de Janeiro. **Anais do 3º P&D Design 98**. Rio de Janeiro: PUC-Rio; AEnD-BR, 1998.
- FARIA, A. D. S.; MARINHO, A. Paradigma QUASE Intransponível - Qual metodologia deve-se adotar nas Universidades ao abordar questões de DESIGN SOCIAL e DESIGN para SUSTENTABILIDADE? *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE PESQUISA EM DESIGN, 6., 2004, São Paulo. **Anais do 6º P&D Design 2004**. São Paulo: FAAP; AEnD-BR, 2004.

- FIGUEIREDO, N. Da importância dos artigos de revisão. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, 23 (1/4): pp. 131-135, jan./dez., 1990.
- FONTOURA, A. M.; PEREIRA, A. T. C. O Ativismo no Ensino do Design. *In: CONGRESSO BRASILEIRO DE PESQUISA EM DESIGN*, 4., 2000, Novo Hamburgo. **Anais do 4º P&D Design 2000**. Novo Hamburgo: Feevale; AEnD-BR, 2000.
- FREITAS, M. C. **O ideário do design gráfico brasileiro e o evento P&D Design 2008**. 2010. 141 f. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-graduação em História, Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2010.
- FREITAS, S. Conceitos de Pedagogia e de Educação e Modelos de Ensino de Design no Brasil. *In: CONGRESSO BRASILEIRO DE PESQUISA EM DESIGN*, 4., 2000, Novo Hamburgo. **Anais do 4º P&D Design 2000**. Novo Hamburgo: Feevale; AEnD-BR, 2000.
- GRANT, M. J.; BOOTH, A. A typology of reviews: an analysis of 14 review types and associated methodologies. **Health Information and Libraries Journal**, 26(2), 91-108, 2009.
- GUIMARÃES, L. E. C. Design Endógeno em Pequenas Unidades de Produção. *In: CONGRESSO BRASILEIRO DE PESQUISA EM DESIGN*, 4., 2000, Novo Hamburgo. **Anais do 4º P&D Design 2000**. Novo Hamburgo: Feevale; AEnD-BR, 2000.
- GUIMARÃES, L. E. C.; LIMA, F. C. M. Desenho industrial e tecnologia apropriada: Unidade móvel de bombeamento movida a pedal. *In: CONGRESSO BRASILEIRO DE PESQUISA EM DESIGN*, 6., 2004, São Paulo. **Anais do 6º P&D Design 2004**. São Paulo: FAAP; AEnD-BR, 2004.
- KHAN, K. S.; KUNZ, R.; KLEIJNEN, J.; ANTES, G. Five steps to conducting a systematic review. **Journal of the Royal Society of Medicine**, v. 96, n. 3, pp. 118-121, 2003.
- MERINO, E.; DICKIE, I. B.; LINS, A. F. C. Gestão de Design e Design Social: o caso Trilhas do Ribeirão. *In: CONGRESSO BRASILEIRO DE PESQUISA EM DESIGN*, 8., 2008, São Paulo. **Anais do 8º P&D Design 2008**. São Paulo: Centro Universitário SENAC; AEnD-BR, 2008.
- MESSINA, G. **Estudio sobre el estado da arte de la investigacion acerca de la formación docente en los noventa**. Trabalho apresentado à Reúñion de Consulta Técnica sobre investigación en Formación del Profesorado, Organización de Estados IberoAmericanos para la Educación, la Ciencia y la Cultura, México, 1998.
- MONTUORI, B. F. Origens e concepção de um curso de design para contextos reais na PUC-Rio: a primeira identidade. *In: BRAGA, M. C.; FERREIRA, E. (Orgs.). Histórias do Design no Brasil III*. São Paulo: Annablume, 2017, p. 79-99.
- MORAES, M. F. V.; MELLO, I. F. L.; SILVA, E. G. P. A importância da Responsabilidade Social Universitária na formação de designers como profissionais mais conscientes. *In: CONGRESSO BRASILEIRO DE PESQUISA EM DESIGN*, 8., 2008, São Paulo. **Anais do 8º P&D Design 2008**. São Paulo: Centro Universitário SENAC; AEnD-BR, 2008.
- NOGUEIRA, C.; COUTO, R. M. S. Abordagem de Temas Sociais em Oficinas de Design Gráfico. *In: CONGRESSO BRASILEIRO DE PESQUISA EM DESIGN*, 1., 1994, São Paulo. **Anais do 1º P&D Design 1994**. São Paulo: UNIP; AEnD-BR, 1994.
- PACHECO, H. S. O Design Social, a Barraca e o Desenho coletivo na PUC-Rio. *In: CONGRESSO BRASILEIRO DE PESQUISA EM DESIGN*, 2., 1996, Belo Horizonte. **Anais do 2º P&D Design 96**. Belo Horizonte: UEMG; AEnD-BR, 1996.

ROTHER, E. T. Revisão Sistemática x Revisão Narrativa. **Acta Paulista de Enfermagem**, 20 (2): vi., abr-jun, 2007.

SANTOS, A.; DAROS, C.; DUDERSTADT, A.; OLIVEIRA, A.; SCHULENBURG, R.; QUINTAS, R. Revisão Bibliográfica Sistemática. In: SANTOS, A. (Org.). **Seleção de Método de Pesquisa: guia para pós-graduandos em design e áreas afins**. Curitiba: Ed. Insight, 2018.

SCHUMACHER, E. F. **Small is Beautiful: a study of economics as if people mattered**. London: Blond & Bridges, 1973.

SILVA, A. N. G.; CASAGRANDE JR., E. F. Perspectivas do design social para estratégias brasileiras de desenvolvimento local sustentável. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE PESQUISA EM DESIGN, 6., 2004, São Paulo. **Anais do 6º P&D Design 2004**. São Paulo: FAAP; AEnD-BR, 2004.

SILVA, J. C. A. D.; SENNA, B.; DENUBILA, B. Design Conceitual de um Sistema Expositor para o Projeto Social “Arte de Ser”. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE PESQUISA EM DESIGN, 3., 1998, Rio de Janeiro. **Anais do 3º P&D Design 98**. Rio de Janeiro: PUC-Rio; AEnD-BR, 1998.

SILVA, J. C. R. P.; SILVA, D. C.; SILVA, J. C. P. D.; PASCHOARELLI, L. C. **O futuro do design no Brasil**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012.

SOARES, F. O Design de Aquecedores Solares de Água para Usuários de Baixa Renda. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE PESQUISA EM DESIGN, 4., 2000, Novo Hamburgo. **Anais do 4º P&D Design 2000**. Novo Hamburgo: Feevale; AEnD-BR, 2000.

SOARES, F. Inclusão social e geração de renda: design ecológico para o desenvolvimento local sustentável. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE PESQUISA EM DESIGN, 6., 2004, São Paulo. **Anais do 6º P&D Design 2004**. São Paulo: FAAP; AEnD-BR, 2004.

TELES, R. S. Desconexões entre a produção do conhecimento tecnológico formal e as demandas sociais para o desenvolvimento em contexto local - Questões para uma discussão sobre o conhecimento produzido nas academias de projeto, sua função social e o “papel” da Extensão Universitária. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE PESQUISA EM DESIGN, 2., 1996, Belo Horizonte. **Anais do 2º P&D Design 96**. Belo Horizonte: UEMG; AEnD-BR, 1996.

VOSGERAU, D. S. R.; ROMANOWSKI, J. P. Estudos de revisão: implicações conceituais e metodológicas. **Revista Diálogo Educacional**, v. 14, n. 41, pp. 165-189, jan./abr., 2014.